

## CASA BRANCA

Assisti várias vezes o clássico filme “Casablanca” de 1942, dirigido por Michael Curtiz. Não sou Humphrey Bogart, nunca encontrei Ingrid Bergman. Pior, recebo aposentadoria do INSS em reais e não consegui visitar a misteriosa cidade marroquina. Esse o prosaico motivo pelo qual preferi fazer uma viagem mais curta pela antiga rota dos tropeiros francanos que demandavam Goiás Velho transportando sal no século XIX: fui conhecer Casa Branca, cidade paulista entre Mococa e Campinas, próxima à divisa com as Minas Gerais. A única pessoa que citava Casa Branca era meu irmão Gonzaga, dizendo que seus antigos professores do primário haviam estudado na Escola Normal daquela cidade, até que o professor Jeferson Tavares publicou algo sobre o Plano Diretor daquela cidade, que contava com o apoio de professores e estudantes de arquitetura da USP de São Carlos. A partir dessas duas citações, fui procurar e encontrei duas arquitetas atuantes na cidade, Mariana Horta que havia feito um interessante restauro de uma velha casa, adaptando-a para uma cafeteria e também participava das lutas pela preservação do patrimônio histórico de Casa Branca e a Marília Gaspar que coordenava o Plano Diretor. Infelizmente não consegui encontrar com nenhuma das duas, o passeio foi muito rápido.

A distância não é muita, 185 km separam as duas cidades, a estrada está em estado razoável apesar do movimento intenso. Casa Branca foi fundada em 1814 e hoje tem 28 mil habitantes, não cresceu como sua vizinha Mococa. Entramos por uma via secundária e já nos deparamos com uma escola projetada por Lelé em argamassa armada, o CIAC. Passamos pelo “casarão dos Guerreiro”, que deve ser restaurado e fomos diretamente pro “Beneditas Café”, onde vimos como é possível fazer com maestria e elegância uma restauração de pequeno porte numa casa simples. Ficou excelente, até o testemunho das fundações originais foi deixado. Dali, fomos caminhar pelo centro histórico, embora tenhamos sido traídos pelo QR Code instalado nalguns lugares com informações sobre os prédios históricos: a Prefeitura retirou o site do ar no período eleitoral, uma bobagem com os turistas.

A caminhada é bastante agradável pela tranquilidade, trânsito pequeno e civilizado. O centro possui algumas praças, as ruas calçadas com paralelepípedos, muitos casarões bem conservados pelas próprias famílias ou pela prefeitura. A igreja matriz é imponente e a praça defronte tem grande quantidade de casarões ecléticos em excelente estado, além de um belo sobrado restaurado pela Prefeitura (Casarão dos Vilela) que, segundo nos informaram, aguarda uma destinação, talvez o museu ou um centro cultural. Surpresa foi descobrir que o AME da saúde local é gerenciado pela Santa Casa de Franca, bem defronte a escola que leva o nome do grande escritor da cidade, Ganymedes José, já falecido. Ao lado da escola, em aparente abandono, um cinema de rua.

Próximo a esses prédios, o majestoso edifício do Instituto de Educação está muito bem conservado, integrado a uma praça defronte que valoriza ainda mais sua presença e as visuais do lugar, que recebe ao lado o antigo prédio da Santa Casa. Rua acima, chegamos à antiga estação ferroviária da Mogiana, hoje ocupada por repartições públicas, museu e um centro de eventos, onde são realizados shows e festas, pois o lugar possui um enorme pátio antes destinado à manutenção dos trens. Infelizmente, o museu está em situação crítica. Pouco visitado, sem um projeto expográfico atraente, com infiltrações nas paredes do edifício, se algo não for feito rapidamente, pode-se perder para sempre, dentre outras coisas, as delicadas aquarelas do multiartista Ganymedes José, considerado o grande artista da cidade, premiado autor de dezenas de livros infantojuvenis e considerado um dos mais influentes escritores da literatura infantil brasileira nos anos 1970 e 80.

Descobrimos também que a cidade é a “Capital Estadual da Jabuticaba”, com a maior produção da fruta no país e tem até festivais da jabuticaba, onde é possível visitar as plantações e comer a fruta no pé. Voltamos pra Franca com os potes de geleia pra experimentar, claro, e um gosto de quero mais.

Mauro Ferreira é arquiteto